



Os enquadres discursivos do acontecimento migratório: narrativização, banalização e estigmatização

The discursive frameworks of the migratory event: narrativization, trivialization and stigmatization

Wander Emediato

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
wemediato@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1480-7019>

Resumo: Buscou-se abordar o tema da imigração sob a perspectiva de sua historicidade (do acontecimento migratório) e da dinâmica dos estudos discursivos na França e no Brasil com o objetivo de observarmos como o contexto histórico do acontecimento migratório influencia o tratamento da questão e aponta para a banalização da imigração e a estigmatização dos imigrantes. No Brasil, ainda que a imigração constitua um forte componente histórico da formação da sociedade brasileira, os estudos sobre a imigração como um “problema” e associada a uma “crise” – como foi o caso na França – são recentes e estão relacionados com acontecimentos pontuais, como o fluxo migratório do Haiti, da Venezuela, da Bolívia e da Síria. O imaginário social de imigração no Brasil, até então, estava relacionado a uma narrativa histórica e romantizada da experiência vivida e discursiva dos imigrantes europeus que vieram ao Brasil entre os séculos XIX e XX. Atualmente, uma nova narrativa se delinea, motivada pelo imaginário da crise e do problema migratório, do invasor perigoso e miserável que ameaçaria a estabilidade do “nacional”. As formas de tratamento midiático da questão têm o potencial de pautar o debate político e social sobre a imigração, silenciando ou tirando o relevo de outras perspectivas possíveis de se tratar e ver o assunto. Elas “fazem ver” de uma certa maneira o acontecimento histórico ao enquadrá-lo em suas esquematizações discursivas estigmatizantes do imigrante.

Palavras-chave: discurso; imigração; banalização; estigmatização.

Abstract: We sought to address the issue of immigration from the perspective of its historicity (of the migratory event) and the dynamics of discursive studies in France and Brazil in order to observe how the historical, political and social context of the migratory event influence the treatment of immigration and the stigmatization of immigrants. In Brazil, although immigration is a strong historical component of the formation of Brazilian society, studies of immigration as a “problem” and associated with a “crisis” – as was the case in France – are recent and are related to events such as the flow of migrants from Haiti, Venezuela, Bolivia and Syria. The social imaginary of immigration in Brazil until then was related to a historical and romanticized narrative of the lived and discursive experience of European immigrants who came to Brazil between the nineteenth and twentieth centuries. Nowadays, a new narrative is outlined, motivated by the imaginary of the crisis and the migratory problem, of the dangerous and miserable invader that would threaten the stability of the “national”. The media’s ways of dealing with the issue have the potential to guide the political and social debate about immigration, silencing other possible perspectives of addressing the issue. They “see” the historical event in a certain way by framing it in its stigmatizing schematizations of the immigrant.

Keywords: discourse ; migration ; trivialization ; stigmatization.

Recebido em 19 de julho de 2019

Aceito em 01 de outubro de 2019

Introdução

A imigração no Brasil é um tema antigo que mobiliza memórias sobre a própria constituição do povo brasileiro. Situada em diferentes épocas e com origem diversa, o tema da imigração, ao mesmo tempo que constitui um problema (político, identitário, midiático, etc.) sempre foi também motivo de celebração e de construção de produtos e referências culturais: telenovelas, filmes e documentários diversos já foram realizados sobre o tema da imigração no Brasil. Não é incomum encontrar sobre esse tema expressões como “O Brasil é um país de imigrantes”, “a miscigenação cultural brasileira” (esta expressão pode incluir tanto os imigrantes como a mistura de etnias constitutivas do *povo brasileiro*, como a indígena e a africana), “terra de acolhimento”, etc.

Diferentes povos imigraram para o Brasil ao longo de sua história, deixando marcas em sua cultura, demografia e economia. A imigração de origem européia se deu principalmente entre os séculos XIX e XX:

a italiana a partir de 1880, a japonesa no início do século XX, a alemã nos séculos XIX e XX, poloneses e ucranianos entre 1869 e 1920, a espanhola também no final do século XIX, a árabe, principalmente libanesa e síria, por volta de 1880. A maior parte desses imigrantes foi destinada às regiões sudeste e sul do Brasil para atividades ligadas à lavoura, como as plantações de café no estado de São Paulo. Outros tiveram como destino centros urbanos, em particular São Paulo e Rio de Janeiro. Estima-se que entre 1884 e 1959 entraram, no Brasil, cerca de cinco milhões de imigrantes. A imigração europeia é a mais lembrada, idealizada e romantizada. Os chamados povos originários, indígenas, também teriam vindo de fora, provavelmente da Ásia, através do estreito de Bering, ainda na Idade do Gelo. À época do descobrimento do país por Portugal entre 1,8 milhão a 6 milhões de indígenas viviam no território. A partir de 1500 até 1822, data do fim do Brasil colônia, cerca de 700 mil portugueses se deslocaram para o Brasil. No mesmo período, em função do tráfico negreiro, cerca de 5 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil na condição de escravos.

Na década de 1960, o Brasil deixou de ser um grande receptor de imigrantes, passando a ser um país expulsor de trabalhadores, a partir da década de 1980, sobretudo para os Estados Unidos, o Paraguai, a Europa e o Japão. Essa tendência manteve-se constante até recentemente, uma vez que vem sendo observado o crescimento da imigração para o Brasil, em particular de países como Portugal, Bolívia e Haiti.

Atualmente, a diáspora, a migração de pessoas fugindo de guerras, perseguições políticas, catástrofes naturais, pobreza e problemas econômicos mobilizam novos pontos de vista sobre o tema da imigração e da migração de pessoas, constituindo as bases de uma polêmica global sobre o assunto. No cenário brasileiro, em decorrência dos fenômenos migratórios globais, especialmente na Europa ocidental, e no próprio Brasil, em razão da catástrofe natural (e também econômica e política) do Haiti, o tema foi bastante amplificado, justificando diferentes tipos de pesquisas em ciências humanas e sociais, e também em análise do discurso. O termo “refugiados” ganha o espaço institucional e midiático, torna-se também um problema de estado, com dispositivos jurídicos sendo criados para tratar o assunto e os indivíduos situados no interior dessa designação.

1. Estudos sobre imigração e linguagem

Em comparação com outros países, notadamente europeus, como a França, a Inglaterra, Itália e Alemanha, os estudos sociológicos e discursivos sobre o “problema da imigração” no Brasil são bem recentes. No âmbito da análise do discurso, só passaram a ganhar relevância e visibilidade nos últimos anos, especialmente em razão do fluxo de refugiados do Haiti, das questões de fronteira com a Venezuela e do debate global sobre a guerra na Síria. A questão Síria fez surgir sobretudo um *olhar pra fora*, ou seja, uma reflexão exofórica sobre o modo como países europeus tratam o problema. Isso foi reflexo do próprio tratamento midiático, pois a grande mídia brasileira, sobretudo televisual, tratou o assunto “refugiados” relatando – e julgando – o modo (negativo) como os europeus trataram o assunto numa dinâmica do imaginário dos direitos humanos.

Aos olhos dos estudos discursivos franceses, um dossiê temático de periódico sobre o tema da imigração, como é o caso desta publicação, poderia até parecer anacrônico. O apogeu desses estudos na França se deu nos anos 1990. Bem datados, os estudos franceses se multiplicaram em razão dos acontecimentos que mobilizaram a população de origem árabe e negra nas periferias de Paris e em outros centros urbanos franceses (Vaux-en-Vélin, Minguettes, Mantes-la-Jolie, Saint-Denis, Barbès, etc.). O assunto estava então no centro da atualidade, com o foco sobre a identidade dos imigrantes, a integração – difícil – de jovens pertencentes à segunda geração, ou seja, nascidos ou crescidos na França, a discriminação racial e espacial (as periferias e *les quartiers chauds* ou *difficiles*). A designação dessas comunidades e desses espaços diz muito sobre a conjuntura histórica: naquela época, o foco era sobre a imigração. Atualmente, não são tanto mais os *imigrantes*, mas os *refugiados*, que alimentam o debate.

2. Estudos discursivos sobre a imigração na França.

Merecerão destaque aqui o dossiê publicado pela revista *MScope: Images de l’immigration dans les médias*, de 1993, e a tese de Simone Bonnafous, de 1990, *L’immigration prise aux mots*. Essas publicações constituirão uma referência sobre o tratamento do tema, pois reúnem os principais elementos constituintes do “problema” da imigração.

O discurso sobre os imigrantes e a imigração de 1974 a 1984 foi o centro do estudo desenvolvido por Simone Bonnafous em sua tese defendida em 1990 (BONNAFOUS, 1991). Para ela, o debate sobre o assunto se tornou a peça central da decisão política e do debate sobre a imigração na França. Seu estudo tomou como base de análise um conjunto de textos jornalísticos dos jornais franceses « políticos » – *Militant*, *Le National* (futuro *National Hebdo*), *Minute*, *Le Quotidien de Paris*, *Le Figaro*, *Le Nouvel Observateur*, *L'Unité*, *Libération*, *L'Humanité*, *Dimanche et Lutte Ouvrière*. Servindo-se de estudos quantitativos do vocabulário na linha da lexicometria da *Ecole Normale Supérieure de Fontenay-Saint-Cloud*, Bonnafous investigou o sentido das formas discursivas variantes e invariantes agenciadas no discurso da imprensa sobre o tema. Ela se apoiou sobre o método de análise das especificidades, descrevendo sistematicamente a repartição de formas lexicais simples e de segmentos repetidos para, em seguida, colocar em evidência os elementos da designação pronominal e nominal e a evolução histórica dos vocabulários ao longo de 10 anos. Para a pesquisadora, especialmente a partir de 1980, verifica-se uma *banalização* do discurso sobre a imigração na imprensa política e uma *homogeneização* do discurso midiático sobre o tema, fazendo surgir laços discursivos entre crise e xenofobia e uma dialética entre o “eles” e o “nós”. A tese aborda as modalidades do estabelecimento de um “consenso progressivo das formas” que opera na base de uma caracterização dos referentes e das formas de designação, construindo, aos poucos, a banalização progressiva das teses extremas, sobretudo da extrema direita, se servindo da fragilidade e inconsistência do discurso dos partidos tradicionais. Desse modo, o discurso das correntes políticas majoritárias, da esquerda à direita republicanas, é marcado pela banalização referencial. O imigrante passa a ser designado e descrito como uma comunidade de classe e como origem de testemunhos que reforçam teorias (sociais, políticas, identitárias) desenvolvidas pela imprensa. O ser imigrante é construído como uma classe exterior em relação a uma comunidade nacional ou racial e passa de uma categorização como trabalhador ao delinquente, evoluindo para um sentido de coabitação difícil – ou mesmo impossível – com os nacionais franceses. Surgem os termos e perspectivas em torno da “assimilação” e da “integração”. Bonnafous demonstra que, de 1974 a 1984, se passa de um discurso “social” sobre os imigrantes a um discurso de “crise”, de constrangimento cotidiano e de “culpabilidade das culturas”. A

autora ressalta ainda a relativa vitória da extrema direita sobre o tema da imigração e o fracasso dos jornais de esquerda que, a partir de 1980-1983, retomaram a problemática e o terreno impostos pela extrema direita que passou a pautar o assunto na França. Bonnafous mostra, em se tratando do tema da imigração na França, como o discurso fabrica o imaginário. Sua tese constitui uma obra incontornável sobre o tema da imigração na análise do discurso.

Um dossiê (LAMBERT, 1993) dedicado ao tema da imigração, publicado pela revista francesa *MScope*, em 1993, merece também destaque pela variedade de perspectivas tratando o mesmo objeto e por mostrar como a imigração constituiu um verdadeiro problema de sociedade na França nesse período, ao ponto de fundar um imaginário social sobre o tema. O dossiê mostra também como o tema atraiu o interesse de analistas do discurso e outros pesquisadores das ciências humanas. Embora os artigos da revista, em sua totalidade, possuam relevância e grande interesse, irei destacar apenas alguns, salientando aspectos que me parecem essenciais à discussão.

O artigo assinado por Frédéric Lambert, o organizador do dossiê temático para a revista *MScope*, mostra como as “*images reçues*” respondem visualmente às “*idées reçues*”. O estudo focaliza a circulação de imagens sobre os imigrantes e os estereótipos que se deixam notar: o imigrante seria um adolescente negro ou árabe, amante de rap e pixador, com suas imagens associadas ao desemprego, à violência, à periferia e aos bairros violentos. Já a imagem do bom imigrante é de um trabalhador negro ou magrebino, com roupa de operário em um canteiro de obras, servente em um hospital, lixeiro correndo atrás de um caminhão de lixo ou limpando as ruas de Paris. Por detrás da função social que ele ocupa, ele se torna inofensivo, ele está no lugar onde a sociedade que o acolhe deseja que ele esteja. Seriam esses os *uniformes* do bom imigrante. Em outros espaços, como nos anúncios publicitários, o imigrante é uma *criança Benetton*,¹ um jovem amarelo, um negrinho, um arabezinho, emprestando seus rostos a um pequeno branco, discurso publicitário que se pretende universal, fraternal, multicultural. Para Lambert, o imigrante

¹ A campanha publicitária construída pela agência de Oliviero Toscani nos anos 1990 para a marca Benetton inovou no tratamento de questões polêmicas de ordem humanitária e política, investindo em imagens e temáticas delicadas como o racismo, a miséria, a guerra, a exploração da criança, entre outros temas sensíveis.

em imagens é uma representação social que não tem nada a ver com a realidade, assim como o ocidente é um espaço mental que nada tem a ver com a geografia. Pensando nos diferentes suportes visuais da cultura de massa em que circulam as imagens de imigrantes – a publicidade, o cinema, a televisão, os canais de informação – a questão que Lambert coloca é a de saber quem modela nossos modelos. Questão crucial para quem pretende compreender os imaginários que fundam nossas representações sobre imigrantes, imigração e os excluídos em geral.

Tahar Ben Jelloun (1993) segue essa linha de questionamento abrindo uma problematização: os imigrantes são fotogênicos? A imagem do imigrante, especialmente em contextos em que eles se tornam o centro de um debate político e de uma “crise”, significa um incômodo, já que eles aparecem nas páginas de jornais em situações de tristeza ou de penúria. Para Jelloun, o drama cola de maneira irreversível à sua existência, embora sejam pessoas comuns, cuja origem lhes cola na pele. O *imigrante*, nesses contextos, se tornou sinônimo de *problema*. Ainda que a realidade seja plural e não se submeta à homogeneização da mídia e dos discursos públicos, o autor ressalta a dificuldade para o imigrante de ter um “direito de resposta” e mostrar outras faces e outras perspectivas que não a da vítima ou do agressor, ou do trabalhador, não tendo nenhum recurso para retificar ou mudar as suas imagens.

Ahmed Boubeker (1993), sociólogo da universidade de Lyon II, percorre no dossiê uma história das representações públicas da imigração na França nos anos 1980 e 1990, se interrogando sobre as relações que os profissionais da imprensa mantêm com o tema, concluindo que, de maneira geral, as mídias possuem um papel de regulação que eles próprios subestimam. Para o autor, a imigração permanece à margem da sociedade francesa e os pressupostos evidenciados nas cenas da informação contribuem para ampliar essa distância. Um silêncio sobre a presença irreversível das populações estrangeiras na sociedade francesa amplia a base cênica das representações públicas no terreno das explosões de periferia, do islamismo, da polícia, do “problema da imigração”, do racismo, e das manifestações pela igualdade. Tal cenário é amplificado sobretudo a partir da guerra israel-árabe de 1973 (Guerra do Kippour), e do choque de petróleo, mas, no caso francês, possui ainda contextos anteriores, como o da guerra da Argélia, entre 1952 e 1962, que culminou com a independência argelina e produziu uma divisão extrema na sociedade francesa entre nacionais franceses e pessoas de origem árabe.

Jean-Barthélemi Debost (1993), ao analisar os estereótipos publicitários sobre a imagem do negro, ressalta que as representações mais atuais sobre o negro são relativamente recentes e surgem após os anos 1960, quando não comportavam as mesmas noções. Embora já houvesse a presença de africanos, ela não interferia no conjunto da sociedade francesa, reduzida a noções associadas ao cosmopolitismo ou ao apátrida. Após a guerra de independência da Argélia, o contexto irá se transformar orientando-se para representações mais negativas e extremistas. A chegada mais massiva de africanos na França em decorrência de fatos geográficos e políticos (seca, crise petrolífica, guerras, etc.) irá contribuir para essa transformação. Um movimento de resistência aos discursos extremistas de rejeição ao negro e ao imigrante se faz notar, com o surgimento de associações como o SOS Racismo e a criação na França, em 1991, de uma Secretaria de Estado da Integração, o que contribui para a proliferação de imagens sobre o tema da imigração e de uma França multicultural. Se antes de 1991 a representação do negro na publicidade era ínfima, como mostra o autor, ela se tornará mais dinâmica a partir daí. Do fim do século XIX até os anos 1960, as imagens publicitárias de negros focalizavam basicamente o “servidor”, o personagem trabalhador: serventes, carregadores, motoristas, operários da construção civil, expressando uma *situação de desejo* entre o comprador (o cliente) e um personagem inferior. A partir dos anos 1960 a situação irá se transformar e a representação publicitária do trabalhador negro irá declinar significativamente, provocando uma raridade de imagens de trabalhadores servidores, apesar da realidade material atestar essas situações. Um silêncio se mostra evidente em relação à representação do negro nessas situações, e uma outra começa a surgir: o negro (o *Black*) passa a figurar na publicidade de roupa e de moda, explora-se mais o seu corpo e sua estética, sua sensualidade (*Black is beautiful*), os modelos negros aparecem com seus atributos, sua cultura FM e Hip Hop. São os imigrantes da segunda geração. Ao público jovem contemporâneo, oferece-se a imagem do *Black beautiful*; às damas do fim do século XIX, o motorista negro. O autor nos mostra a relação entre as imagens e os imaginários, os contextos culturais e a história, muitas vezes em detrimento da própria realidade social e política.

Fora do contexto francês, vale destacar o artigo assinado por Catherine Humblot (1993) para o dossiê de *MScope* sobre o “exemplo britânico”. A autora mostra como a televisão britânica, a partir de 1965,

passa a produzir programas específicos destinados à comunidade de imigrantes, deixando o tom paternalista e pedagógico e operando o que seria uma pequena revolução no tratamento do tema, em especial com a chegada de *Channel Four* e, em seguida, de vários outros canais de televisão desenvolvendo programas destinados aos imigrantes. Humblot relata a aparição de uma verdadeira produção étnica que vai de programas militantes a comédias para o grande público e grandes documentários (história, meio-ambiente, geografia, etc.), além de ficções e séries com grande repercussão e audiência. Essa produção televisual irá impor uma nova face e uma nova e dinâmica representação dos negros, paquistaneses, indianos, entre outros, na comunidade britânica, trazendo outra visão do terceiro mundo, da cultura negra, do humor étnico.

Toda essa produção de estudos sobre a imigração nos mostra o interesse que o tema despertou e sua relação com os contextos histórico, político e cultural da França e da Europa, especialmente nos anos 1980 e 1990. Tais estudos podem nos servir de base para uma reflexão crítica sobre o lugar dos estudos brasileiros sobre o tema e a sua relação histórica específica e bastante recente. Se procurarmos estudos sobre o tema no Brasil dos anos 1980, dificilmente encontraremos um movimento tão significativo, o que mostra que naquele período não havia, no Brasil, o “problema” da imigração.

3. O Brasil, a narrativa histórica e os imaginários da imigração

No Brasil, a termo *imigração* faz surgir sentidos distintos do termo *refugiados*. A imigração no Brasil remete a uma narrativa histórica sobre povos que vieram ao país – italianos, alemães, portugueses, japoneses, libaneses, etc. O imaginário social é o do *Brasil, terra de acolhimento e da diversidade multicultural*. Já o termo *refugiados* atualiza o presente em um sentido de barbárie, de fome, de miséria, algo da ordem do incontrolável, da invasão alienígena, da ameaça – não identitária, mas econômica, social, de território. Essa nova perspectiva aliena a memória da imigração como componente fundador da sociedade brasileira e abre um novo movimento discursivo vinculado ao imaginário da imigração como “problema”. De certa forma, essa alienação é influenciada por imaginários externos, especialmente europeus, sobre o tema. É importante ressaltar, porém, que apesar das forças que influenciam o pensar atual sobre o assunto, o aparente anacronismo brasileiro está relacionado ao fato

de que o contexto atual é de um país que superou a imigração como um problema no tempo histórico de sua emergência e passou à representação narrativa da experiência nacional que, em grande medida, é escrita como uma narrativa de sucesso: os imigrantes constituíram a nação e grande parte de sua riqueza e de sua força. Decorre disso que o imaginário da imigração se tornou positivo ao longo da narrativa histórica, razão pela qual uma nova narrativa se inicia agora sob a perspectiva dos *refugiados*, e não propriamente dos *imigrantes*.

Se fizermos uma breve busca no *google* com o sintagma “a imigração no Brasil”, encontraremos, em destaque, o imaginário narrativo da imigração como sucesso histórico. Vejamos alguns exemplos apenas a título de ilustração.

A enciclopédia livre *Wikipedia* já nos traz a narrativa integral, como mostra o texto inicial: “A imigração no Brasil refere-se ao conjunto de povos que migraram para o Brasil ao longo de sua história. Ela deixou fortes marcas na demografia, na cultura e na economia do país”.² Uma tal perspectiva só é possível uma vez vivida a experiência narrativa do mundo, no caso, da imigração e seu desenvolvimento histórico. Certamente, essa perspectiva não era a adotada no início do movimento migratório no Brasil. Sabe-se o quanto sofreram italianos, japoneses, eslavos e outros povos que aqui vieram antes de obterem o salvo conduto e a legitimidade no âmbito da “integração à brasileira”, em grande parte assimilacionista, ou seja, quem aqui chega, após algumas gerações, assume a identidade brasileira, ainda que festejem suas origens sob os aplausos dos brasileiros *genuínos* que também fazem dessas festividades parte de si. Com efeito, existem diferentes temporalidades na construção do sentido discursivo da imigração: há o tempo da imigração “problema”, na sua origem, e o tempo da narrativa da imigração, que pode se abrir a uma diversidade de resultados e experiências, tanto positivas quanto negativas, dependendo de cada caso. Poderíamos falar de um “tempo que traz” os imigrantes para a convivência difícil de um presente, e de um “tempo que leva” embora os imaginários de origem, para retomar uma segunda fase do “tempo que traz” a narrativa histórica, com seus resultados e a experiência vivida construída pelo discurso social.

Se continuamos nossa navegação pela busca do sentido do sintagma “A imigração no Brasil”, encontraremos a regularidade. O

² https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigração_no_Brasil

site Brasil Escola, traz a mesma narrativa histórica do Wikipedia. Com o título *Imigração no Brasil*, a matéria traz a contextualização já no subtítulo “O processo de imigração no Brasil intensificou-se a partir de 1808, quando um número expressivo de imigrantes europeus chegou ao país”. A foto de capa nos convoca para uma visualização bem conhecida, instalada na memória, do romantismo da imigração e da imagem positiva do imigrante:

FIGURA 1 – Foto de capa da matéria “Imigração no Brasil” do *site* Brasil Escola



Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>

A visualização é típica do cinema e da representação novelística televisual. O imigrante é um personagem limpo, elegante e estereotipado, o trem ao fundo evoca a memória histórica desviante de outras imagens históricas conhecidas, como a do navio abarrotado de gente desembarcando no porto ou das multidões caminhando a pé às margens das estradas, diferentes formas visuais de representação épica dos imigrantes. Aqui, não é mais o invasor, nem o delinquente, nem o sujo, nem o maltrapilho, mas um personagem que chega para dar origem a um destino histórico grandioso. A narrativa histórica e épica se desenvolve e pode ser sintetizada no enunciado abaixo da matéria da revista Brasil Escola:

A marca da imigração no Brasil pode ser percebida especialmente na cultura e na economia das duas mais ricas regiões brasileiras: Sudeste e Sul. A colonização foi o objetivo inicial da imigração no Brasil, visando ao povoamento e à exploração da terra por meio de atividades agrárias. A criação das colônias estimulou o trabalho

rural. Deve-se aos imigrantes a implantação de novas e melhores técnicas agrícolas, como a rotação de culturas, assim como o hábito de consumir mais legumes e verduras. A influência cultural do imigrante também é notável. (Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>)

Três pontos de vista essenciais a destacar nessa síntese: o ponto de vista histórico no enunciado “A marca da imigração no Brasil *pode ser percebida...*”; o ponto de vista do actante acolhedor, no caso, o Brasil/brasileiro, no enunciado “A colonização *foi o objetivo inicial da imigração no Brasil, visando ao povoamento e à exploração da terra por meio de atividades agrárias. A criação das colônias estimulou o trabalho rural*”. Nota-se, nesse trecho, o ponto de vista do brasileiro, do planejador da imigração, utilitarista, aquele que, intencionalmente, criou a imigração, pois ela se integrava aos seus planos. Em seguida, o ponto de vista do actante imigrante, no enunciado “*Deve-se aos imigrantes a implantação de novas e melhores técnicas agrícolas, como a rotação de culturas, assim como o hábito de consumir mais legumes e verduras. A influência cultural do imigrante também é notável*”. O elemento integrador, o brasileiro, narrado como o interessado pela imigração; o elemento imigrante narrado como se integrando perfeitamente aos planos do integrador. Simbiose perfeita. A imigração não é representada como um “problema”. A narrativa histórica se construiu através de textos e imagens, fotografias, visualizações televisuais e cinematográficas, assim como também nos nomes de logradouros, de escolas, de personalidades, de famílias, no folclore nacional e em festividades, de personalidades políticas, conjunto de formas ritualísticas que vão constituindo o imaginário social da imigração no Brasil.

Ainda há uma repartição identitária e geográfica na formação do imaginário da imigração no Brasil. O Brasil recebeu imigrantes de diferentes nacionalidades, como Portugal, Itália, Alemanha, Japão, Espanha, Suíça, China, Coreia do Sul, Polônia, Ucrânia, França, Líbano, Israel, Bolívia e Paraguai. No entanto, o imaginário da imigração no Brasil, nos termos que comentamos acima, é constituído majoritariamente pela referência aos imigrantes europeus. É essa narrativa que constitui o essencial do imaginário. Dela estão silenciados os chineses, os sul-coreanos, os bolivianos, os paraguaios e os libaneses. Estes últimos são tão numerosos no Brasil quanto no próprio Líbano, seu país de origem, mas eles não integram ainda o imaginário romântico que a narrativa

histórica construiu, embora haja tantas personalidades libanesas atuando na indústria, na política e em outras áreas da economia e da cultura brasileiras. Os venezuelanos iniciaram suas narrativas mais recentemente, assim como os haitianos e os “novos” sírios, portanto, é ainda cedo para saber como serão os imaginários sociais resultantes da experiência vivida e construída pela discurso da presença deles em terras brasileiras.

4. Alguns estudos discursivos brasileiros sobre imigração

É a partir das décadas de 2000 e 2010 que se nota um aumento significativo dos estudos discursivos sobre imigração. Esse período coincide com o *acontecimento migratório como problema*, pois a narrativa histórica da imigração não suscita tal interesse entre analistas do discurso. O acontecimento migratório é o da crise dos refugiados na Síria e a imigração de pessoas vindas do Haiti, da Bolívia e da Venezuela.

Vale destacar o artigo publicado por Ilana Mountiana e Miriam Debieux Rosa, ambas da psicologia, respectivamente da USP e da PUC de São Paulo, que fizeram um estudo fundamentado na análise crítica do discurso com interdisciplinaridade com a psicologia social (MOUNTIANA; ROSA, 2015) e com foco na questão de gênero. Esse artigo desenvolve uma análise crítica de discursos sobre imigração e a posição que imigrantes ocupam no discurso social. O foco é dado nos processos de minorização de alguns grupos, destacando a questão de gênero sem deixar de considerar as intersecções entre sexualidade, raça e classe social. As autoras estudaram casos de imigrantes recém-chegados em São Paulo. Coincidente com a questão central colocada por Bonnafous sobre a banalização no tratamento da imigração na França, os autores apontam para a *naturalização* das diferenças sociais como *traços individuais patologizados quando não criminalizados*, ressaltando, ainda, a reiteração dos enquadramentos dos imigrantes em posições de *vítimas, ameaças ou seres exóticos*.

Ainda em 2006, a dissertação de mestrado de Tani Jacobsen Prellvitz, intitulada *Estrangeiro ou Imigrante: o discurso da imprensa construindo a (in) aceitabilidade*, trata da designação, pela imprensa, de imigrantes e a força que tais designações exercem sobre a construção de significações imaginárias sobre os estrangeiros que chegam para viver no Brasil. O autor também foca seu estudo no *acontecimento migratório como problema*, e o seu *corpus* de trabalho traz fragmentos de matérias

da imprensa versando sobre imigrantes provenientes principalmente da América do Sul, como os bolivianos, e africanos. Com fundamentação na análise do discurso pècheutiana, as designações estudadas permitem ao autor discutir o problema da ideologia e das formações discursivas nesses processos de designação que constroem os imigrantes de forma marginal.

A tese de Bruna Lopes Dugnani (2017) também percorre o caminho da imigração como problema, especialmente no que tange aos imigrantes contemporâneos. No entanto, a tese faz um percurso mais amplo, ao investigar as formas de representação do imaginário brasileiro da receptividade, especialmente em relação à narrativa histórica da imigração europeia no final do século XIX e início do século XX (imigrante bem-vindo, adaptado, integrado), contraposta aos movimentos discursivos que operam sobre o acontecimento migratório contemporâneo (imigrante problema, inadaptado, sobrecarga do Estado, contraventor, mercadoria). A autora se serve de conceitos bakhtinianos e foca sua atenção do fenômeno do dialogismo na imprensa.

Não foi a minha intenção fazer uma ampla revisão de estudos discursivos sobre imigração, o que não caberia neste artigo, pois são muito numerosos e, como mostrei, datados historicamente. Assim como fiz nos estudos franceses, a intenção foi mostrar como o acontecimento histórico mobilizou o interesse de analistas do discurso e disciplinas das ciências humanas, na França nas décadas de 1980 e 1990, e no Brasil, nas décadas de 2000 e 2010. Além disso, desejei colocar em evidência que os resultados das análises são bastante aproximados e o fenômeno estudado aponta para uma dinâmica discursiva regular, especialmente no discurso da imprensa: a banalização e a naturalização da imigração como “problema” e como “crise”, que alimentam o debate político e as suas decisões, os enquadramentos dos imigrantes como vítimas, como populações miseráveis, inadaptadas e problemáticas, enquadramentos que fundam imaginários sociais e narrativas cujos resultados não são previsíveis no momento do acontecimento. Como toda narrativa, depende das sequências e da evolução dos personagens no interior da trama discursiva que os contrói e desconstrói continuamente.

5. O início de uma narrativa sobre imigração?

Farei agora uma breve análise de um fragmento de narrativa contemporânea sobre o acontecimento migratório recente. Analisarei um artigo publicado em um jornal brasileiro. Trata-se, portanto, de uma análise sucinta que buscará colocar em evidência aspectos que já mencionamos acima e constituem a regularidade discursiva no tratamento do tema.

Notícia publicada no site G1, em 25/06/2016,³ sobre o tema da imigração-problema, destaca, em seu título, que em 10 anos o número de imigrantes no Brasil cresceu em 160%, a maioria proveniente do Haiti e da Bolívia. A fonte utilizada pelo jornal é a Polícia Federal. Ressalte-se que o Brasil se mantém abaixo da média mundial em matéria de recebimento de imigrantes e envia mais brasileiros (emigrantes) para o exterior do que recebe estrangeiros.⁴

Vou abordar dois espaços diferentes do tratamento do tema: a perspectiva adotada pelo jornal ao construir a sua matéria sobre o tema da imigração e, em seguida, uma análise das reações de alguns leitores sobre a matéria e sobre o tema. Essa dupla e breve análise nos permitirá ver, ao mesmo tempo, como um discurso instituído como o da imprensa enquadra o tema e o desenvolve através de estratégias textuais, descritivas e narrativas, e visuais, de um lado, e como um discurso não instituído, o dos leitores, que reagem espontaneamente ao texto e ao tema, tratam o assunto e incorporam pontos de vistas vinculados ao senso comum.

Meu objetivo, aqui, não foi o de estudar a circulação de falas sobre o tema da imigração no Brasil, especialmente nos últimos anos, nem o de mapear o conjunto de pontos de vistas e de posturas enunciativas circulantes em torno do tema. Tal objetivo é o de uma pesquisa mais ampla sobre o tema e não poderia se desenvolver aqui nesta breve análise ilustrativa.

Analisemos, em primeiro lugar, alguns elementos constituintes da matéria jornalística e, em seguida, os comentários dos internautas, postados em reação à matéria jornalística publicada pelo G1 sobre o tema da imigração no Brasil.

³ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>

⁴ <https://www.uol/noticias/especiais/imigrantes-brasil-venezuelanos-refugiados-media-mundial.htm#o-brasil-tem-pouco-imigrante>

5.1. A matéria jornalística e seus enquadramentos: rumo à banalização?

Já no título da matéria do G1, nota-se que o enquadramento é o da imigração como “problema”, podendo constituir, como nos exemplos que relatamos dos estudos franceses e brasileiros, uma base para o debate político sobre o tema.

EM 10 ANOS, O NÚMERO DE IMIGRANTES AUMENTA 160% NO BRASIL, DIZ PF

Só em 2015, quase 120 mil estrangeiros deram entrada no país. Haitianos lideram o ranking atual, seguidos pelos bolivianos.

A quantificação (160%) é uma forma de *enquadramento* (EMEDIATO, 2013) importante, pois tem o efeito de dar relevo à quantidade e ao seu efeito hiperbólico. O relevo dado à quantidade esquematiza a compreensão do leitor para que ele interprete o acontecimento como um “problema” relevante que precisa ser tratado. Em seguida, um elemento linguístico mostra que o ponto de vista do jornal é que a quantificação é mesmo um problema: “*Só em 2015, quase 120 mil estrangeiros...*”. A expressão linguística destacada em itálico é um operador argumentativo que orienta a conclusão para uma direção problematizante: *se só em 2015, em um único ano, foram tantos imigrantes, esse número irá crescer significativamente se levarmos em conta os anos seguintes*. O efeito perlocutório é de alerta e de preocupação, ou seja, não se pode negligenciar esse problema. Os elementos que constituirão o debate político estão dados e a narrativa de origem está aí concentrada nos enquadramentos. Vale ainda notar o enquadramento por *identificação exemplar* (nomes comuns: *haitianos* e *bolivianos*). Embora os dados mostrem que no mesmo período houve aumento da imigração europeia (portugueses, principalmente) e norte-americana no Brasil, não foi dado relevo a essas nacionalidades já fundadas e legitimadas no imaginário social de imigração no Brasil como positivas pela narrativa histórica, especialmente a europeia. Nesse período também foi notado o crescimento de imigrantes argentinos, mas a matéria não dá relevo a essa categoria. A narrativa se constrói sobre categorias mais positivas ou mais negativas.

O enquadramento dá relevo à imigração como um “problema” decorrente de problemas econômicos e sociais nos países de origem e da situação econômica mais favorável no Brasil (a matéria é de junho de 2016, ano em que o cenário econômico brasileiro era ainda mais favorável do que o de 2019). O imigrante é assim representado como *vítima*: vem de um país em crise ou é perseguido de alguma forma – caso dos refugiados –, é pobre e vem ao Brasil em busca de emprego e de uma vida melhor. Na representação visual, trata-se majoritariamente de negros (haitianos) e de imigrantes de origem indígena (bolivianos). A representação visual dá relevo a aspectos positivos, mostrando imigrantes em situações culturais (musicalidade sobretudo), como nas fotografias abaixo:

FIGURA 2 – O haitiano Louides Charles, 38, que trabalha na construção civil no Brasil e fundou uma banda que toca músicas de seu país.



Fonte: Foto de Marcelo Brandt/G1

O imigrante é representado na legenda por sua área profissional (construção civil) e por um aspecto de sua cultura (a música de seu país).

Já a fotografia abaixo mostra um imigrante boliviano já instalado no Brasil desde a década de 1980:

FIGURA 3 – O boliviano Juan Cusicanki, de 49 anos, veio para o Brasil em 1980



Fonte: Arquivo pessoal

A imagem do boliviano está bem ancorada no imaginário brasileiro dos povos andinos que vêm ao Brasil e se apresentam em praças públicas com suas músicas típicas.

No geral, a matéria enquadra a imigração atual como um problema, os actantes como vítimas (o que convocaria para um sentimento de solidariedade cidadã). Mas ela reproduz também parte da narrativa histórica da imigração no Brasil, evocando essa memória. O imigrante é narrado como um cidadão que foge à situação de crise em seu país de origem e vem ao Brasil à procura de abrigo e de emprego. A visualização busca humanizá-lo e representá-lo com sua cultura de origem. Em linhas gerais, o discurso jornalístico se apresenta com seus componentes de base: relato do acontecimento, enquadramento do acontecimento como um problema, problematização cidadã convocando o leitor a uma posição de leitura no domínio da ética cidadã (valores de justiça social, solidariedade, etc.).

5.2. Reações dos leitores

Vejamos algumas reações dos leitores internautas – as mais fortes e reiterativas – e suas posições enunciativas essenciais. Os nomes ficarão anônimos neste artigo, os grifos são nossos:

Locutor 1 Esse país virou a casa da mãe Joana, já n chega os problemas internos, agora vem **pessoas de fora** pra tumultuar mais ainda, se n me engano haitianos, cubanos, sei lá mais oq, já estavam recebendo o tal bolsa, nós brasileiros trabalhamos p sustentar **gente de fora**, violência aumentando, caos, esse país é uma piada

Locutor 2 culpa do PT...

Locutor 3 Nada contra **os imigrantes**, nós mesmos somos imigrantes de certa forma, já que fomos colonizados e tudo mais, porém não tem emprego nem condições de vida para quem ja vive aqui, imagine pra quem vem do exterior, esse pais é muito atrasado e tínhamos tudo para ja ser primeiro mundo.

Locutor 4 Pior que **são os que mais fazem filhos**. É de 10 pra cima.

Locutor 5 Por que o instinto primitivo de procriar procriar procriar ainda tem forca em **pessoas sem educação, sem perspectiva de vida**.

Locutor 6 Se todos **estrangeiros** vinhesse em paz, e se enquadra-se

Locutor 7 Vc é **imigrante** também?? Porque seu portugues é sofrível... Até eu que sou imigrante tambem escrevo melhor que voce!...

Locutor 8 Não sou contra a **imigração**, pois sou bisneta de alemães e pretendo ser imigrante nos USA. Morei lá e amo o Tio Sam. Só não concordo em “arreganhar” a porta para **gente miserável e não qualificada**. O **imigrante** tem que vir para somar e não gerar ônus ao país. Aliás, **esses haitianos** são **folgados**. Certa vez, passei perto de um, e ele disse sorrindo “brasileira é bonita” Que não venham para o sul.

Locutor 9 O Brasil está enchendo de **chinês !!! Esses amarelos** estão pra todo lado !!Putz grila !!!!!!! Socorro !!!

Locutor 10 Casa da mãe joana

Loutor 11 já não tem emprego pro brasileiro imagina a situação. o problema da imigração é que **trazem pouca coisa boa e muita, mas muita coisa ruim**

Loutor 12 tem de servente de pedreiro, José, acho que vc não vai querer né? vou ter que chamar um haitiano mesmo

Locutor 13 A média de QI do Haiti é 67, e dado ao fato de aproximadamente 70% do QI de uma pessoa é genético, meus parabéns, **estamos importando BURRICE para o país!** Lembrando que a média do Brasil é 87 e do mundo é 100.

Alguns aspectos ressaltam nesses comentários. O primeiro deles é que reagem a uma matéria jornalística, mas pouco se extrai de fato do conteúdo da matéria. A matéria, em particular, não é crítica da imigração, ao contrário, a soma dos pontos de vista distribuídos nela propõe um efeito interpretante (um proto-enunciador) mais positivo do que negativo em relação à imigração e aos imigrantes. Já os pontos de vista dos comentários são negativos e expressam um senso comum sobre o tema, ou seja, a matéria serve apenas de indutor para reações primárias de senso comum. Neles, os locutores/enunciadores designam os imigrantes como “pessoas de fora”, “fazedoras de filhos”, “pessoas sem educação”, “amarelos”, “pessoas burras”, “gente miserável e não qualificada”, “folgados”. As operações de designação e de qualificação enquadram os imigrantes como pessoas desprovidas de interesse, inferiores, moralmente condenáveis, uma ameaça aos brasileiros e ao país. São posições primárias, com carga afetiva negativa, não aprofundam o tema, nem se dispõem a avaliar o problema da imigração em toda a sua amplitude e complexidade. O posicionamento dos locutores/enunciadores é endógeno e eugenista, contrapondo os “de fora” aos “de dentro”, os imigrantes aos nacionais (brasileiros). Em meio às posições endógenas e xenóforas, nota-se também as inferências políticas de circunstância, como o ponto de vista que responsabiliza um partido político – o PT – pela imigração (*a culpa é do PT...*) e o Estado permissivo (*casa da mãe joana*).

Outro aspecto que ressalta dos comentários é o foco dado aos haitianos. Para os leitores que reagiram à matéria, os imigrantes são necessariamente pobres, miseráveis e vêm ao Brasil para explorar o país, têm baixo QI, são burros e, portanto, inúteis. No entanto, a matéria fala também de imigração europeia e norte-americana, de pessoas que não são miseráveis e que vêm para o país por outras razões, empreender, estudar, juntar-se às famílias, etc. Essa parcela de imigrantes é silenciada nos comentários. Para os locutores-enunciadores que reagiram à matéria, o fenômeno migratório está reduzido à miséria de povos e países pobres e a condutas censuráveis dos imigrantes (ter muitos filhos, vocação para

a delinquência, para a perversão sexual, etc.) o que traz a xenofobia para o campo da intolerância étnica, moral e socio-econômica, intolerância que se reflete no discurso por traços de violência verbal. Esses enquadres parecem típicos do fenômeno de banalização do fenômeno migratório, como salientado por Bonnafous, e alimentados pelos discursos extremistas. O acontecimento histórico migratório está reproduzindo os mesmos enquadres discursivos, resultando sempre na estigmatização do imigrante.

Considerações finais

Busquei abordar o tema da imigração sob a perspectiva de sua historicidade (do acontecimento migratório) e da dinâmica dos estudos discursivos que se interessaram pelo assunto na França e no Brasil com o objetivo de observar como o contexto histórico e social do acontecimento migratório influencia o tratamento do tema. No Brasil, ainda que a imigração constitua um forte componente histórico da formação da sociedade brasileira, os estudos sobre a imigração como um “problema” e associada a uma “crise” – como foi o caso na França – são recentes e estão relacionados a acontecimentos pontuais, como o fluxo migratório do Haiti, da Venezuela, da Bolívia e da Síria. O imaginário social de imigração no Brasil, até então, estava relacionado a uma narrativa histórica e romantizada da experiência vivida e discursiva dos imigrantes europeus que vieram ao Brasil entre os séculos XIX e XX. Atualmente, uma nova narrativa se delineia, motivada pelo imaginário da crise e do problema migratório, do invasor perigoso e miserável que ameaçaria a estabilidade do brasileiro genuíno. Diferentemente do que ocorreu na França, não se coloca, por aqui, o problema identitário e da ameaça à identidade brasileira, mas alguns elementos são constantes e talvez herdados da narrativa histórica européia: o imigrante é um ser de fora, constitui uma ameaça (ao emprego, à segurança), tem propriedades morais e sociais que explicariam sua situação de precariedade. No âmbito do tratamento jornalístico, a banalização do “problema” da imigração já se faz notar, com o enquadramento dos actantes como vítimas, o relevo dado à precariedade, ao problema e à crise, assim como a evocação, implícita, de valores associados à ética cidadã – própria do jornalismo de referência –, convocando o leitor para os valores da solidariedade, da justiça social e dos afetos. Essas formas de tratamento têm o potencial de

pautar o debate político e social sobre a imigração, silenciando ou tirando o relevo de outras perspectivas possíveis de se tratar e ver o assunto. Elas “fazem ver” de uma certa maneira o acontecimento histórico ao enquadrá-lo em suas esquematizações discursivas estigmatizantes do imigrante.

Referências

BONNAFOUS, Simone, *L’immigration prise aux mots*. Les immigrés dans la presse au tournant des années 80. Paris : Kimé, 1991. 301 p.

BOUBEKER, Ahmed. Représentations publiques. *Revue Mscope*, Versailles, Dossiê : Images de l’immigration dans les médias, n. 4, p. 40-46, 1993.

DEBOST, Jean-Barthélemi. Publicité : des images noires. *Revue Mscope*, Versailles, Dossiê : Images de l’immigration dans les médias, n. 4, p. 47-52, 1993.

DUGNANI, Bruna Lopes. *Imagens discursivas de imigrantes e suas implicações no discurso de receptividade do brasileiro na imprensa nacional*. Uma perspectiva dialógica. 2017. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

EMEDIATO, W. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: _____. (org.) *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

HUMBLLOT, Catherine. L’exemple britannique. *Revue Mscope*, Versailles, Dossiê : Images de l’immigration dans les médias, n. 4, p. 76-80, 1993.

JELLOUN, Tahar Ben. L’image froissée. *Revue Mscope*, Versailles, Dossiê : Images de l’immigration dans les médias, n. 4, p. 37-39, 1993.

LAMBERT, Frédéric. L’écran des différences. *Revue Mscope*, Versailles, Dossiê : Images de l’immigration dans les médias, n. 4, p. 34-36, 1993.

MOUNTIANA, Ilana; ROSA, Miriam Debieux. O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 152-160, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150001>

PRELLVITZ, Tani Jacobsen. *Estrangeiro ou Imigrante: o discurso da imprensa construindo a (in) aceitabilidade*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.